

GABRIELA FREGONESI PRADO

Pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira.
A arqueologia como formação de uma identidade.

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2008.

GABRIELA FREGONESI PRADO

Pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira.

A arqueologia como formação de uma identidade.

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula de Paula Loures de Oliveira

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2008.

“Nenhuma sociedade é perfeita... nenhuma sociedade é fundamentalmente boa: nem, também absolutamente má. Todas oferecem certas vantagens aos seus membros.”

Claude Levi Strauss

Aos meus pais.

Agradecimentos

Muito obrigada à minha orientadora Ana Paula, que mesmo à distância aceitou me auxiliar, com paciência e dedicação, nessa empreitada que acabou se estendendo por um período maior do que o planejado.

Aos amigos da história e da arqueologia, agradeço o incentivo nos momentos de desânimo.

E por último, mas decisivos na conclusão deste trabalho, agradeço aos meus pais que sei, estarão ao meu lado em todos os momentos e em todas as decisões que eu tomar.

RESUMO

Monografia de Bacharelado em História que analisa a arqueologia como ciência que se destaca nacional e regionalmente como um importante instrumento de estudo crítico de uma sociedade ao pesquisar e interpretar sua cultura material. O presente estudo refere-se à arqueologia brasileira ao focar a arqueologia da Zona da Mata mineira e utiliza como base de pesquisa os resultados obtidos até o momento pelo *Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, iniciado no ano 2000 na Universidade Federal de Juiz de Fora. Através deste estudo apresentamos a possibilidade de uma arqueologia como ferramenta de construção de uma identidade nacional e ou local, no caso da Zona da Mata Mineira.

ABSTRACT

This is a Baccalaureate Final Paper in History which analyses the Archaeology as a national and regionally outstanding science that is an important instrument of critical study of a society researching and interpreting its material culture. This study refers to the brazilian archaeology focusing on the Zona da Mata Mineira archaeology, and uses the recent results of the *Projeto Mapeamento Aqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, initiated in 2000 at the Universidade Federal de Juiz de Fora, as reference. Based on this study we present the archaeology as a tool for the construction of a national or regional identity, in the case of the Zona da Mata Mineira

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	VIII
Introdução	9
1- A Pré-História e a arqueologia brasileira.....	17
2- Zona da Mata Mineira e o projeto: <i>Mapeamento Arqueológico e cultural da Zona da Mata Mineira</i>	28
3- A criação (ou resgate?) de uma identidade cultural.....	41
Conclusões	53
Bibliografia	58

Lista de ilustrações:

Mapa da Zona da Mata Mineira.....57

Introdução

Este trabalho tem como objetivo um estudo do papel da arqueologia junto à história na valorização de identidades culturais. Para tanto, optamos por analisar um contexto específico, o da Zona da Mata mineira, que desde o ano de 2000 abriga um projeto ambicioso, que visa o mapeamento arqueológico e cultural da região. O presente estudo direciona seus esforços para a análise do desempenho desta disciplina como ciência fundamental na construção de uma identidade cultural, ainda eivada de uma ideologia dominante na Zona da Mata Mineira.

Tive conhecimento do *Projeto Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, que vem atuando desde o ano de 2001 junto aos municípios da referida região, em outubro de 2006 durante o 1º Simpósio de Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais e 2º Simpósio Regional de Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira, realizado em Juiz de Fora. No ano seguinte tive a oportunidade de participar como estagiária voluntária, durante o mês de fevereiro, no laboratório de análise do material arqueológico recolhido no Sítio Córrego do Maranhão, localizado no município de Carangola. Do mesmo modo, participei das escavações do Sítio Córrego de Areia, localizado no município de Mar de Espanha, no período de 31 de março a 08 de abril. Esse contato foi de

fundamental importância para a escolha do tema desta monografia, uma vez que pude observar diretamente os resultados que vinham sendo obtidos além da seriedade e dedicação de toda a equipe envolvida.

Esse projeto é o carro chefe das pesquisas realizadas atualmente pelo Museu de Arqueologia e Etnografia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora (MAEA-UFJF). Formado por uma equipe interdisciplinar, conta com colaborações diversas, como da equipe do Setor de Arqueologia Pré-histórica da Universidade Federal de Minas Gerais e o Departamento de Transportes e Geotecnia da Faculdade de Engenharia da UFJF. O projeto conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Minas Gerais - FAPEMIG e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico - CNPq na forma de financiamentos, bolsas de iniciação científica e apoio à participação e realização de congressos. De enorme importância também é o envolvimento direto das populações e convênios com as prefeituras municipais da região, que propiciam infra-estrutura fundamental ao desenvolvimento do mesmo.

O *Projeto Mapeamento* promove, além da inclusão da região no cenário das pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil, debates e discussões científicas, além de ações educativas junto às escolas e em conjunto com a sociedade civil.

Os resultados das pesquisas realizadas até o momento e a preocupação e dedicação para com a produção do conhecimento científico podem ser conferidos nas diversas publicações de artigos. Tanto em compilações, como o *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira*, (Loures Oliveira (org), 2004, 2006) como em anais de simpósios e congressos, nos quais são apresentados frequentemente, os resultados obtidos nas diferentes etapas do projeto.

Posto isso, e a fim de caracterizar a arqueologia como uma disciplina de cunho social e crítico para a compreensão de uma sociedade através do *Projeto Mapeamento*, utilizaremos como fonte as publicações disponíveis sobre os resultados até o momento alcançados pela equipe do mesmo. Para tanto, nos valeremos do amparo teórico proporcionado pelos estudos de conceituados arqueólogos e de conceitos fundamentais como cultura, sociedade e identidade.

A arqueologia como ciência eminentemente interdisciplinar mantém uma relação muito próxima com diferentes áreas do saber. Contudo, sua maior proximidade com a história, a pré-história e a etnologia, por exemplo, gera obstáculos na hora de defini-las separadamente, pois todas, à sua maneira e utilizando métodos e técnicas diferenciados, buscam a compreensão do homem como ser social e cultural, com nuances relativas a tempo e espaço. Podemos dizer de modo geral, que

a história tem por objeto de estudo as sociedades que dominam a escrita, enquanto que a pré-história se ocupa daquelas sem escrita e que já não mais existem (não entraremos, por hora, na longa discussão existente acerca dos limites entre os campos de atuação da história e pré-história). A etnologia, por sua vez, volta seus esforços para o estudo das culturas de povos ágrafos contemporâneos.¹

Os métodos e técnicas específicos desenvolvidos pela arqueologia, juntamente com um corpo teórico próprio, permitem a localização, análise e interpretação de indícios materiais deixados pelo homem. Tais vestígios funcionam da mesma forma, como objeto de estudo da pré-história, mas esta conta com seu próprio corpo teórico e métodos para análise.

Neste momento, cabe ressaltar que o conceito de cultura será aqui tratado com o fim de ressaltar sua importância, sem, no entanto, entrar no âmbito de todas as discussões profundas que envolvem este conceito dentro da antropologia. Como sugere Geertz em seu *Interpretação das Culturas*:

“Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”²

¹ PROUS, André. *Arqueologia, Pré-História e História*. In.: TENÓRIO, Maria Cristina. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFJR, 2000. p. 9.

² GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.4

Geertz desenvolveu seu estudo sobre a cultura tomando-a como um sistema simbólico. O autor aproxima-se de um conceito cultural ao analisar suas relações com o comportamento real de indivíduos e grupos, tratando sobre o papel que desempenha na vida social e como pode ser adequadamente estudada. Dessa forma também podemos perceber nos estudos arqueológicos a busca por uma definição de cultura relacionada diretamente com o resgate do papel do homem em uma sociedade, seus costumes e tradições, o que a torna então crucial para as abordagens e interpretações da disciplina.

Retornando, pois, à questão da arqueologia, Pedro Paulo Abreu Funari, professor da UNICAMP e reconhecido arqueólogo brasileiro, define-a ainda como uma ciência em construção, que “estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo, *a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade.*”³ Ou seja, como se deu o comportamento de uma determinada sociedade, baseando-se inicialmente nos vestígios materiais recuperados nas escavações. Uma sociedade que viveu em um local definido não apenas em um determinado momento mas também ao longo de sua existência, ou período no qual ali se estabeleceu.

³ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988. p.9.

A arqueologia brasileira, por sua vez, através do estudo da cultura material de grupos humanos anteriores à chegada dos portugueses, mostra-nos a adaptação do homem às condições do meio ambiente, que lhe garantia a sobrevivência e que de alguma forma deixou resquícios nos costumes e tradições populares até o presente. E embora a arqueologia não se reduza apenas a estudos da relação homem e meio, este fato é indicativo de que não somente o homem influencia e modifica o meio em que vive, mas também tem seu comportamento influenciado pelo mesmo.

Para o Prof. Dr. André Prouss, do Museu de História Natural da UFMG, no Brasil a arqueologia conta com os relatos e estudos de cronistas e naturalistas cujos trabalhos remontam ao nosso período colonial. E estes, mesmo sem um interesse arqueológico direto, acabam por auxiliar nossas pesquisas modernas através de observações etnográficas e descrições de locais e costumes de determinados grupos indígenas, como no caso da Zona da Mata Mineira e os relatos de povos como Coroadó, Puri e Coropó.

As recentes descobertas arqueológicas realizadas nesta região também nos revelam suas riquezas em termos da cultura e patrimônio arqueológico, abrindo um leque de possibilidades de atuação e pesquisa, que contribuirão para o enriquecimento dos estudos em âmbito nacional.

Ao utilizarmos como base para esta pesquisa os resultados obtidos até o presente pela equipe de pesquisadores do *Projeto de Mapeamento*, esperamos colaborar para as discussões acerca da atuação da arqueologia junto à história no estudo de um passado cujos vestígios estão até hoje presentes na região da Zona da Mata Mineira.

Para tanto, e por ser este trabalho uma monografia de conclusão do curso de história, não poderia deixar de trazer no seu primeiro capítulo uma breve introdução à história da arqueologia brasileira, seguida nos demais por um histórico da arqueologia em Minas Gerais.

Nos segundo e terceiro capítulos trataremos respectivamente das características históricas e geográficas da região, e da atuação e resultados da aplicação do projeto em meio às populações da área em questão. Neste capítulo, 2, demonstramos a relevância dos documentos históricos ao possibilitarem o acesso a informações importantes para a localização das áreas ocupadas por grupos sociais específicos. Tais relatos quando relacionados às formas do relevo, clima, vegetação e artefatos arqueológicos encontrados, podem também trazer soluções para questões como os motivos para a fixação de um grupo em determinado local, revelando traços intrínsecos aos seus costumes e tradições.

Neste contexto, o projeto de *Mapeamento arqueológico e cultural da Zona da Mata Mineira* tem como objetivo estudar a participação do negro e do índio na formação da nossa sociedade a partir da valorização de sua relevância na cultura regional. Tais pesquisas e projetos procuram atender a uma eterna demanda pelas origens de nossa identidade e pelas raízes do nosso povoamento, sendo fundamental para isso o trabalho conjunto de diversas disciplinas.

Este trabalho carrega consigo a possibilidade de divulgação da grande importância da arqueologia em âmbito nacional e regional, constatando, ao longo dos estudos realizados, seu grande valor junto à história no estudo do passado da região da Zona da Mata mineira. As recentes descobertas arqueológicas realizadas na região nos mostram a riqueza da cultura e patrimônio material, abrindo um leque de possibilidades de atuação e pesquisas futuras. Mostra-nos também que tais pesquisas relacionadas a atividades de educação patrimonial e história oral permitem-nos lançar um novo olhar sobre o passado, além de criar um novo ponto estratégico de estudo de arqueologia no sudeste do Brasil.

1 – A Pré-História e a Arqueologia Brasileira

O grande interesse do homem pelo passado longínquo não é uma característica da sociedade moderna, muitos povos antigos possuíam seus mitos e lendas sobre a criação do mundo e de sua própria origem. A busca pelo passado parece ser uma característica presente em quase todos os grupos humanos dos quais temos notícia em uma tentativa muito clara de definição e recuperação de uma identidade cultural enraizada muitas vezes na própria pré-história da sociedade. Esse interesse, porém, satisfiz-se em grande parte durante a história da humanidade através da transmissão entre gerações de mitos e lendas sobre a criação do mundo e do próprio homem.

Bruce G. Trigger em seu, *História do pensamento arqueológico*, demonstra em um dos primeiros capítulos do livro, de que forma as sociedades, em diferentes épocas, se preocuparam com o estudo do passado. Para isso considerou importante revelar como certos grupos enxergavam e qual valor atribuíam aos vestígios materiais com os quais tinham contato. Tal procedimento não deixou de levar em conta, no entanto, o fato de que suas preocupações e interesses fossem eles intelectuais, científicos, ou religiosos eram diferentes dos nossos. A ciência enquanto agente para o estudo, seja da vida ou das coisas, só se

consolida como tal muito recentemente. Não devemos, portanto, menosprezar a curiosidade e o cuidado demonstrados em épocas passadas, só por que não dispunham do instrumental que utilizamos hoje.

O próprio conceito de pré-história surge, no Ocidente, apenas no século XIX, deflagrado por concepções como as inovadoras classificações de períodos como idades da Pedra, do Bronze, e do Ferro, por Christian J. Thomsen, primeiro conservador do Museu Nacional Dinamarquês, e a revolucionária teoria Evolucionista de Darwin. Até então, vigorava na Europa a crença na criação do mundo e dos primeiros seres humanos, Adão e Eva, por Deus há apenas alguns poucos milhares de anos.⁴

É também neste mesmo século que surge o conceito de História “como uma ciência voltada para o estudo do passado a partir dos documentos escritos”⁵. Com isso, pressupunha-se que a invenção da escrita seria, pois, o início da história, mesmo que esta tivesse surgido em diferentes épocas nas diversas regiões do planeta. Em um primeiro momento, essa definição referia-se a povos sem escrita que tinham suas descrições feitas pela observação direta de grupos letrados. O

⁴ FUNARI, Pedro Paulo Abreu e NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p.11

⁵ *Idem* p.12

Evolucionismo de Darwin iria em seguida solucionar a questão de como estudar um passado ainda mais distante. Ele suscitou a possibilidade da existência de vestígios muito mais antigos que a escrita, associados ao homem.

Assim, surgiu o estudo da Pré-História, que na Europa convencionou-se tratar como o estudo de todo o período que abrange a existência da espécie humana, incluindo o *Homo sapiens sapiens* e todas as espécies de homínídeos que existiram anteriormente.

Na América esta mesma ciência surge com uma definição que tem como referência tradicional o período anterior à chegada dos conquistadores europeus no século XV.

“Os europeus chamaram a sua presença na América de “história” e reservaram para todo o período que veio antes o termo “pré-história”, ainda que hoje se saiba que se usava a escrita na América já antes da vinda dos colonizadores.”⁶

Tanto a Europa quanto a América fazem uso de um mesmo termo para definir conceitos bastante distintos, e é através da origem desses estudos que podemos explicar essas diferenças. Enquanto que na Europa a Pré-História, tomando a História como referência, definiu-se tradicionalmente como o estudo do período anterior à escrita, nas

⁶ FUNARI, Pedro Paulo Abreu e NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 13.

Américas a História tem como referência uma História européia, não indígena, com a chegada atribulada dos europeus do outro lado do Atlântico. Desta forma, não podemos tomar como base o critério corrente do uso da escrita ao tratarmos da Pré-História no continente americano.

Somente no século XIX com o interesse pelo conhecimento do universo ameríndio e seus costumes, línguas, sociedades e tradições, entram em cena os antropólogos e arqueólogos especializados na análise de vestígios materiais. Atualmente a arqueologia dispõe de um conjunto próprio de métodos e técnicas que permitem localizar, analisar e interpretar os indícios descobertos da ocupação humana em determinadas localidades. E embora possua objetivos similares a outras ciências, como entender as adaptações, o desenvolvimento, o funcionamento e as simbologias das sociedades, e para isso utilize alguns recursos desenvolvidos por outras disciplinas e áreas do saber, não deve ser vista, como o foi durante muito tempo, como mero conjunto de técnicas auxiliares de disciplinas como a história, antropologia, e etnografia.

Um arqueólogo, para realizar seu trabalho, além da sua especialidade, deve ser capaz também de trabalhar e dialogar com especialistas de outras áreas. Em campo, ele procura identificar e escavar sítios arqueológicos, onde documenta estruturas e coleta objetos

que pertenceram ao cotidiano de uma determinada sociedade. Em seguida, inicia a fase de estudos e trabalhos sistemáticos em laboratório, onde procura relacionar os objetos coletados ao grupo que os produziu e, por conseguinte, a seu modo de vida.

A arqueologia brasileira surge inicialmente relacionada aos estudos do que podemos chamar de uma época pré-colonial, e assim como a antropologia desenvolve grande interesse pela investigação do outro, e não pelas raízes históricas da própria sociedade.

Atualmente a arqueologia tem nos revelado, evidências da existência de comunidades indígenas *pré-cabralinas* com um elevado nível de complexidade social e inclinações artísticas, que durante muito tempo foram ignoradas pelos próprios brasileiros, pela pouca divulgação de tais descobertas ou mesmo pelo desinteresse pela disciplina.

Os primeiros documentos que podemos relacionar de alguma forma à arqueologia estão, em sua maioria, ligados a estudos etnográficos de populações indígenas, observadas pelos cronistas do período colonial. Esses estudos, muito importantes, atualmente nos auxiliam na localização espacial de grupos indígenas extintos e semi-extintos, ou ainda a atribuir descobertas arqueológicas modernas a etnias

específicas. Como é o caso das *casas subterrâneas* dos Guaianases⁷. Estes documentos são valiosos e não devem ser criticados por seu conteúdo, as críticas devem ser direcionadas para as diversas leituras e apropriações indevidas de conceitos descontextualizados de sua época, como por exemplo, o de *selvagem*.

Além dos cronistas, contamos também com os naturalistas do século XIX, estudiosos das ciências naturais - notadamente botânica e zoologia, cujos interesses diferiam das antigas bandeiras, que realizavam suas investidas rumo ao interior do território brasileiro em busca de ouro e pedras preciosas.

A necessidade de se conhecer melhor o país onde agora se instalara a Corte Portuguesa abriu caminho para as pesquisas dos naturalistas europeus voltados para explorações sistemáticas, tanto da natureza quanto das populações indígenas, tratadas neste caso enquanto seres constituintes da flora e fauna local. Não havia ainda um interesse particular pela arqueologia, mas alguns relatos já eram feitos mencionando vestígios descobertos, atribuídos a grupos indígenas históricos.

⁷ Estruturas habitacionais subterrâneas ou semi-subterrâneas geralmente encontradas em grupo que podem ter sido utilizadas sazonalmente. Foram encontradas através de escavações arqueológicas em diferentes partes do país, principalmente em municípios da região sul. As *casas subterrâneas* dos Guaianases são mencionadas por Gabriel Soares de Sousa já no século XVI. (PROUS, 1992: 5, 312-320)

É por volta de 1840 que o naturalista dinamarquês, Peter Wilhelm Lund, encontra ossos humanos associados a ossos de animais extintos, em Lagoa Santa, sendo o primeiro estudioso a afirmar a grande ancestralidade do homem americano.

Importante também foi a contribuição de D. Pedro II que com seu interesse pela antropologia e pela ciência criou as primeiras entidades oficiais que abriram caminho para as pesquisas arqueológicas nacionais. Incentivou também a reunião das primeiras coleções de cerâmicas amazônicas e objetos de pedra dos sambaquis em museus, e a realização dos primeiros projetos de escavação já no final do século XIX.⁸

A partir daí, um longo caminho foi percorrido, entre a criação dos primeiros manuais de arqueologia brasileira, a aprovação das primeiras leis federais sobre manutenção e exploração do patrimônio cultural material nacional e o surgimento das primeiras instituições oficiais que procuraram criar centros universitários de pesquisa arqueológica. A participação de profissionais estrangeiros teve grande destaque durante todo esse processo, e também dos leigos que participaram ativamente das primeiras atividades arqueológicas no Brasil, mesmo que muitos dos

⁸ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. p.7

seus trabalhos não fossem vistos com bons olhos pelos arqueólogos *profissionais*.

É no século XX que temos o grande florescer da arqueologia no país. Porém na primeira metade deste século, os estudantes universitários, tanto de arqueologia quanto de antropologia, ainda estavam mais interessados no estudo das populações negras do que em nossos ancestrais indígenas.

Na segunda metade, já no início dos anos 50, chegam ao Brasil os pesquisadores estrangeiros que vieram testar aqui teorias desenvolvidas por pesquisadores europeus e norte-americanos. Estes estrangeiros seriam também mais tarde os orientadores do que se pode chamar de primeira geração de arqueólogos profissionais brasileiros.⁹

Este período apresenta um considerável crescimento no número de centros de pesquisa e o desenvolvimento de grandes projetos sob a colaboração de diferentes instituições. Entre 1949 e 1950, Meggers e Evans pela primeira vez realizavam pesquisas sistemáticas sobre as culturas amazônicas no estado do Pará. No período de 1954 a 1956, Emperaire e Laming pesquisaram sambaquis do Paraná e de São Paulo para verificar as hipóteses de migração para a América do Sul a partir da Austrália. Entre 1954 e 1955, a equipe brasileiro-americana organizada

por W. Hurt retornou a Lagoa Santa para procurar, sem sucesso, novos vestígios que associassem o homem a uma fauna extinta.¹⁰

Alguns anos mais tarde, resultante de um seminário coordenado pelos Evans, foi criado o Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA, que tinha como objetivo realizar estudos entre os anos de 1965 e 1971, para a elaboração de um quadro geral das culturas brasileiras. Após o término das pesquisas, muitos integrantes do PRONAPA participaram de outro projeto semelhante elaborado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, o PRONAPABA, direcionado à Bacia Amazônica, através do qual foi criado um quadro de tradições arqueológicas, que apesar de suas insuficiências, não foi totalmente substituído até hoje.¹¹

Nas décadas de 70 e 80 a arqueologia brasileira dividia-se no que se convencionou chamar: *escola francesa* e *escola americana*, e que embora representassem características complementares, acabaram por polarizar de forma negativa o quadro arqueológico brasileiro.¹²

Na década de 70, no estado de Minas Gerais, atuou de forma intensiva um grupo do Centre National de la Recherche Scientifique, sob

⁹ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. p.12/13.

¹⁰ PROUS, André. *Arqueologia, Pré-história e História*. In.: TENÓRIO, Maria Cristina. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFJR, 2000. p. 28

¹¹ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. p.14-17.

¹² PROUS, André. *Arqueologia, Pré-história e História*. In.: TENÓRIO, Maria Cristina. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFJR, 2000. p.30

orientação de Annette Laming-Emperaire, em convênio com o Museu Nacional e a Universidade Federal de Minas Gerais. A missão franco-brasileira, buscava realizar as primeiras datações de pinturas rupestres, além de sua inserção em um contexto cultural pré-histórico que acabou por demonstrar a grande antiguidade do homem no Brasil.

Há quase 30 anos, em 1980, em uma tentativa de aproximar os arqueólogos entre si, foi criada a Sociedade de Arqueologia Brasileira. A SAB realiza a cada dois anos encontros nacionais que promovem discussões atualizadas sobre as pesquisas recentes, aproximando arqueólogos de diferentes partes do Brasil e criando oportunidades para trabalhos conjuntos entre diferentes instituições e regiões.

Hoje, faz parte do estudo da cultura material nacional a análise de artefatos líticos, cerâmicos, ósseos, de madeira, bem como o estudo de pinturas rupestres e esqueletos humanos preservados em sepultamentos, ou até mesmo naturalmente. E ainda, informações provenientes da arqueologia histórica, do contexto arqueológico e análises microscópicas, químicas e geoquímicas, de vestígios alimentares e diferentes cores do solo. Estes processos ajudam a tentar compreender como viveu e se relacionou com o seu meio as populações que aqui habitaram antes de

nós e que deixaram tamanha herança cultural presente até hoje em alguns aspectos do nosso cotidiano.¹³

Em um mesmo grau de importância, estas pesquisas buscam, juntamente com o estudo do homem pré-histórico, criar uma personalidade própria para a arqueologia brasileira, assegurando assim, que ela seja reconhecida internacionalmente, sem no entanto se isolar das novas tendências do mundo científico.

¹³ FUNARI, Pedro Paulo Abreu e NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 20.

2 – Zona da Mata Mineira e o Projeto: *Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*

O Projeto Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira, desenvolvido pela equipe multidisciplinar do Museu de Arqueologia e Etnografia Americana (MAEA) atualmente vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, concentra suas pesquisas na chamada mesorregião da Zona da Mata, que é uma das doze mesorregiões do estado de Minas Gerais. Seus principais objetivos são a identificação, cadastramento e estudo de sítios arqueológicos, conjuntamente com o desenvolvimento de um programa de valorização e preservação do patrimônio cultural e arqueológico através de ações educativas em escolas municipais. Para isso o projeto conta com a parceria da população e prefeituras locais.¹⁴

No plano de ação do projeto temos a realização de vistorias, prospecções arqueológicas e estudo dos sítios conforme vão sendo identificados com a ajuda das comunidades nas áreas de pesquisa. As primeiras atuações foram realizadas nos municípios de Guarani, Itamarati de Minas, Rio Novo, São João Nepomuceno, Piraúba e Astolfo Dutra, que foram selecionados, especialmente, por suas características ambientais.

Particularmente, por estarem localizados nos limites da Serra de Descoberto. Nestes municípios, foram realizadas exposições do acervo arqueológico e etnográfico do MAEA, juntamente com ações educativas através da aplicação de um programa de educação patrimonial para desenvolver uma conscientização sobre a importância do patrimônio, incentivando sua valorização e preservação. Pesquisas orais e em arquivos públicos e privados, visando um levantamento da história, etnografia, costumes, práticas cotidianas, caracterização geográfica, e outras particularidades da região também foram realizadas através da criação de várias frentes de atuação, cujos grupos contavam com suportes metodológicos adequados para cada abordagem.

Durante o início das atividades o que mais chamou a atenção dos pesquisadores, foi o estranhamento dos moradores das áreas estudadas sobre a possibilidade de estudos arqueológicos serem desenvolvidos tão próximos a eles. Até então, como muito frequentemente se imagina, e não apenas nas parcelas da população, em geral, com baixo grau de instrução, a arqueologia não passava de algo distante de suas

¹⁴LOURES OLIVEIRA, A.P.P. (org.) *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira*. Juiz de Fora: Editar, 2006.

realidades. Surgia apenas vez por outra nos jornais ligada a descobertas fantásticas e em regiões muito afastadas.¹⁵

A Zona da Mata Mineira abrange uma área situada na porção sudeste do estado, próxima à divisa com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Ela é sub-dividida em sete microrregiões e formada por 142 municípios, sendo Juiz de Fora o principal deles. Outras cidades também importantes são Manhuaçu, Viçosa, Muriaé, Ubá, Cataguases, Ponte Nova, Leopoldina, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco, São João Nepomuceno, Carangola e Além Paraíba.¹⁶ Atualmente na economia da Zona da Mata destacam-se as indústrias, a criação de gado leiteiro e plantações de cana-de-açúcar, café, milho e feijão. A região está na rota de importantes rodovias federais, tais como BR-040, BR-116, BR-262 e BR-267, além de ser cortada pelas antigas ferrovias Central do Brasil e Estrada de Ferro Leopoldina.¹⁷

A Mata Atlântica era originalmente a cobertura vegetal dominante de toda área, fato do qual deriva o nome da Zona da Mata. A floresta, entretanto, foi drasticamente devastada ao longo de anos de desmatamento e atualmente é restrita a exíguas áreas nos pontos mais elevados do relevo da região que é rugoso com altos morros. Na Serra de

¹⁵ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno.*

¹⁶ Ver figura nº1

Caparaó, divisa com o Espírito Santo, situam-se o Pico da Bandeira e o Pico do Cristal e pelos vales da Serra da Mantiqueira correm os principais afluentes da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, como o Rio Paraibuna, o Rio Pomba e o Rio Muriaé. A porção norte da região é banhada por alguns dos principais formadores e afluentes do Rio Doce, como os rios Piranga, Xopotó, Casca e Manhuaçu.¹⁸

Sobre os estudos históricos nessa região apenas recentemente, já no final do século XX, surgem novos trabalhos regionais, em graduação e pós-graduação. Esses estudos são importantes contribuições acadêmicas que incrementam e criam novas perspectivas de abordagem da história regional tradicional, mas mesmo assim ainda estão, em sua maioria, voltados principalmente para questões econômicas e políticas do processo colonial, restando aos negros e indígena apenas um papel coadjuvante nesse processo.

De fato, podemos dizer que por trás de uma aura de miscigenação étnica presente na formação da nossa população está arraigada ainda hoje, no inconsciente de uma sociedade altamente hierarquizada, a imagem do índio e do negro como criatura inferior, presente ao longo de

¹⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_da_Zona_da_Mata

¹⁸ *Idem*

todo um processo de colonização e consolidação da chamada sociedade brasileira.

A ocupação colonial da região do ponto de vista historiográfico tradicional, foi impulsionada ao longo do século XIX através da expansão da lavoura cafeeira. Até então as referências à Zona da Mata Mineira remetiam, quase que exclusivamente, às façanhas desbravadoras de entradas e bandeiras que avançavam para o interior do território nacional. Encontramos hoje essas referências em produções, na maioria das vezes, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, que tiveram como principal fonte de pesquisa os relatos e documentos dos viajantes naturalistas.

Esses documentos da época colonial relativos à Zona da Mata Mineira trazem em si referências aos principais grupos indígenas que ocupavam a região, sendo os mais citados Coroados, Coropós, Puri e Botocudos a despeito da enorme diversidade étnica e cultural dos grupos que ali habitavam.¹⁹ Logicamente, os confrontos entre as populações indígenas e os vários movimentos de colonização europeia não poderiam deixar de ser intensos. Assim como no restante do país, também nessa região, ao indígena é legada uma posição de inferioridade uma vez que sua presença, desde o início da colonização do Brasil pelos portugueses,

era tida como um entrave ao desenvolvimento. O Índio caminhava em uma direção contrária aos interesses dos principais segmentos sociais à época da colonização. Estes, tinham como principal referência a Metrópole europeia, e até hoje podemos constatar que dificilmente grupos sociais contemporâneos trazem consigo alguma identificação cultural com esses povos.²⁰

O povoamento da Zona da Mata Mineira iniciou-se de fato no século XVIII, através da ocupação das localidades situadas às margens do chamado *Caminho Novo*²¹, mas de forma tímida, uma vez que a Coroa Portuguesa não via com bons olhos a ocupação da região, então chamada, *Sertões do Leste*. Com a decadência da produção aurífera, vários exploradores e suas famílias se deslocaram das vilas mineradoras para esta área. Entretanto, como já mencionado acima, esta ocupação só teve um real crescimento ao longo do século XIX, com a expansão da lavoura cafeeira.

¹⁹ LOURES OLIVEIRA, A. P. P *Memórias indígena e negra na Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. p. 1

²⁰ FUNARI, Pedro Paulo Abreu; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p.14

²¹ O Caminho Novo ou Caminho Novo de Garcia Rodrigues Paes era uma das vias que dava acesso à região das Minas Gerais no período colonial. Garcia Rodrigues Paes era filho de Fernão Dias e um dos participantes da bandeira de 1674-1681. À época da sua contratação (1698), Garcia Rodrigues estava estabelecido como sesmeiro, possuindo duas roças na região, sendo uma às margens do rio Paraíba e outra na Borda do Campo. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Caminho_Novo)

Os anos compreendidos entre as décadas de 1830 e 1840 correspondem ao período de grande desenvolvimento do setor cafeeiro do estado de Minas Gerais. A área que logo seria conhecida como zona cafeeira incluía os municípios de Leopoldina, Mar de Espanha, Ubá, Pomba e Santo Antônio do Paraibuna.²²

É neste meio que surge São João Nepomuceno, um dos municípios que integrou a primeira etapa do projeto *Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*. Sua origem está ligada à doação de terras realizada por José Furtado de Mendonça, proprietário da fazenda Roça Grande, para a construção de uma capela com o nome de Capela do Rio Novo de Baixo, que tinha como patrono São João Nepomuceno. Toda a região cafeeira teve um grande e rápido aumento de população entre os anos de 1835 e 1855. Cresceram nesse período, não somente as lavouras de café, mas de outras culturas também, assim como a produção de artigos manufaturados, que a essa altura serviam tanto para o abastecimento local quanto para a exportação para outros centros consumidores do império.²³

São João Nepomuceno, em decorrência de seu desenvolvimento econômico, torna-se vila no ano de 1841, separando-se do município de

²² LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno*.p.3

Pomba e passando a pertencer à comarca de Paraibuna. Sua emancipação definitiva ocorreria somente no ano de 1881.

Foi neste município que em 2001, de acordo com as propostas do Projeto de Mapeamento, iniciaram-se os trabalhos da equipe do MAEA-UFJF. Trabalho este, que aqui resumiremos para ilustrar como se deu a atuação do projeto junto às população dos locais já pesquisados, e como é realizada a pesquisa arqueológica de fato.

O processo de aproximação com a população local ocorreu inicialmente com a realização de uma exposição itinerante de arqueologia denominada: *Além dos 500 anos*, que no período de janeiro a março de 2001, percorreu os municípios de Guarani, Itamarati de Minas, Rio Novo, São João Nepomuceno, Piraúba e Astolfo Dutra. Concomitantemente à exposição, também foi realizado um treinamento para os integrantes das equipes auxiliares locais, que participaram ativamente das diferentes etapas do projeto. Era importante que estes indivíduos fossem orientados sobre como reconhecer e agir quando informados sobre possíveis vestígios arqueológicos. E essa iniciativa deu certo. Rapidamente a equipe do MAEA-UFJF foi notificada a respeito de um local conhecido por suas histórias como sendo uma antiga aldeia indígena.

²³ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno*. p.3

O sítio então foi devidamente localizado e identificado, não sem antes, ser vítima da curiosidade de alguns moradores que abriram buracos no solo para a verificação da existência de material arqueológico. O sítio foi denominado Primavera, referindo-se à propriedade na qual estava localizado e recebeu um código de identificação ZM-JN-01.

Com isso deu-se início à primeira Campanha Arqueológica em São João Nepomuceno, que resultaria também na primeira pesquisa acadêmica sobre padrões de assentamento, características tecnotipológicas, datações, possível preservação de estruturas e modo de vida dos grupos que ali viveram.

Juntamente com as atividades de prospecção arqueológica realizou-se um levantamento botânico no em torno do sítio, desenvolvido por uma equipe de estagiários do Herbário Leopoldo Krieger da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esse levantamento teve como objetivo a realização de uma caracterização vegetacional da área e elaborar uma lista de espécimes vegetais e um mapa da vegetação local.²⁴

Os resultados desse estudo propiciaram uma comparação da vegetação antiga com a atual e para isso foram realizados, também, trabalhos de Paleopalinologia por uma equipe da Universidade Federal

do Rio de Janeiro.²⁵ Este estudo teve como objetivo descobrir a composição da cobertura vegetal antiga, geralmente através da análise polínica, possibilitando a dedução de outras variáveis ambientais como características climáticas por exemplo, e ainda fazer um estudo mais profundo, investigando tanto a influência e mudanças causadas pelo homem no meio ambiente em que vive, quanto a influência da vegetação e clima no comportamento humano.

Durante as escavações foi levada em consideração a informação de que parte da área onde estava localizado o sítio havia sofrido ação do arado na década anterior para o plantio de pasto. No entanto, a equipe responsável pelo projeto constatou que, neste caso em particular, o movimento do arado no solo não foi suficiente para descaracterizar o sítio.²⁶

O material recuperado no Sítio Primavera, embora possua características particulares, não difere muito do material encontrado nos demais sítios arqueológicos identificados pela equipe. Trata-se de um sítio lito-cerâmico a céu aberto colinar. Ou seja, possui artefatos tanto

²⁴ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno*. p.4

²⁵ *Idem*. p.5

²⁶ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno*. p.7
N.A.: Em alguns sítios entretanto têm-se relatos de que a utilização da área para o plantio ou outras formas de exploração do solo pode comprometer suas camadas de ocupação mais próximas à superfície.

líticos quanto cerâmicos, localizados em um topo de colina com apenas uma camada de ocupação.

O fato dos sítios da região estarem em sua maioria localizados em colinas com altitudes entre 400 e 600m tem gerado várias especulações e discussões a respeito. Geralmente, uma explicação plausível para esse tipo de preferência relaciona-se com a segurança do grupo, pois a localização em lugares altos possibilitaria a visualização de uma aproximação estranha a grande distância.²⁷ Entretanto, tal manobra defensiva só funcionaria realmente em áreas abertas, o que não ocorria na região da Zona da Mata Mineira, cuja cobertura vegetal natural era floresta tropical. Qual seria o motivo então para a preferência desses grupos por lugares elevados?

A equipe do projeto, baseada em outras pesquisas já realizadas, analisou diferentes possibilidades e chegou a algumas explicações possíveis²⁸. A defesa poderia sim ser um fator determinante na escolha de colinas, mas não para permitir a rápida visualização do grupo inimigo, mas porque se tornava complicado para este cercar a colina por todos os lados, o que deixaria sempre uma possibilidade de fuga para os

²⁷ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno-MG*. p.7/8

²⁸ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno-MG*. p.7

moradores locais. Outro fator seria o climático, pois no topo da colina há maior ventilação na época de calor do que nos vales úmidos abaixo e no inverno o sol aquece mais rápido, sem ter que atravessar densas camadas de folhagens até chegar ao solo. Por último, e também relacionado à umidade e calor nos vales, uma menor quantidade de insetos hematófagos existiria no topo das colinas.

Finalmente, depois de tantos motivos ambientais propostos e analisados, a equipe de pesquisas do MAEA chama atenção, nos relatórios relativos às intervenções arqueológicas realizadas em São João Nepomuceno, para o fato de que devemos também levar em consideração os fatores de origem sócio-político e simbólico, nos estudos sobre o assentamento dessas populações indígenas. Entretanto, tais fatores, que os levavam à escolha de determinados locais, só poderão ser determinados com pesquisas mais sistemáticas e aprofundadas.

Hoje, após sete anos de atuação deste projeto, já foram alcançados diversos resultados positivos. Entre os anos de 2001 e 2004 o programa de educação patrimonial foi aplicado em mais de 25 escolas só no município de São João Nepomuceno. Iniciativa aplicada posteriormente nos municípios de Carangola, Cataguases, Chiador e Juiz de Fora. É através de aulas interativas e realizações de oficinas de cerâmica que se busca demonstrar de forma lúdica a riqueza da

diversidade cultural da região e a importância da preservação do seu patrimônio material e imaterial. Essas ações despertam em crianças e adultos uma visão positiva do passado étnico de suas próprias cidades.

Também, o trabalho da equipe de história oral junto à população dos municípios já pesquisados na Zona da Mata, vem realizando abordagens através de entrevistas informais e conversações livres, sem a imposição de um assunto específico, tendo apenas como uma linha condutora a influência indígena na vida e nos costumes daquelas pessoas.

“A oralidade nesse caso passou a ser a própria expressão da memória e o processo de relembrar, um meio de explorar os significados subjetivos das experiências vividas.”²⁹

Essa pesquisa desperta a atenção para aspectos remanescentes da cultura indígena que muitas vezes passam despercebidos nas vidas desses indivíduos, escondidos por uma memória de passado ligado apenas às fazendas de café e de gado, ao branco e o escravo. E são esses aspectos, formadores de identidades culturais distintas presentes nessa região que trataremos no capítulo a seguir.

Por hora, podemos dizer que a equipe de pesquisadores do *Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira* vem

²⁹ LOURES OLIVEIRA, A. P. P. *Sete anos do Projeto: Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira: resultados e avaliação*. Revista de Arqueologia, 18: 111-115, 2005. p. 113.

trabalhando a fim de demonstrar toda a riqueza do patrimônio desta região, criando também a possibilidade de novas abordagens e perspectivas para a história regional. Os trabalhos nos sítios arqueológicos identificados, juntamente às atividades de educação patrimonial e história oral têm permitido uma nova visão de um passado rico étnica e culturalmente, do qual até muito pouco tempo quase nada se sabia ou se estudava.

- Capítulo 3: A criação (ou resgate?) de uma identidade cultural

Um dos pontos mais importantes que permeiam as pesquisas do projeto *Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, está relacionado a um tema muito pouco investigado. Este estudo da influência negra e principalmente indígena, no caso dessa pesquisa, na formação da nossa sociedade, revela a existência ao longo da história, de movimentos voltados à negação de uma identidade indígena, promovidos por políticas integracionistas existentes desde a época da colonização. Por esse, e outros motivos, muitas práticas sociais e culturais refletoras de uma herança indígena e negra na Zona da Mata, são frequentemente pouco valorizadas.

Sabemos hoje que a arqueologia, desde que se consolidou como disciplina acadêmica, em meados do século XIX, vem sendo utilizada a serviço de Estados cujas políticas nacionalistas exigem a construção de histórias nacionais e mitos fundadores que justifiquem, e afirmem sua origem através do estudo do passado.³⁰ Essa busca pelas raízes mais profundas de uma sociedade tem por objetivo a construção e legitimação de uma identidade nacional, e uma vez que os estudos históricos perpetrados com esse fim mostraram-se pouco eficazes devido a

³⁰ TRIGGER, Bruce, G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004. p.169

ausência de documentos escritos tão antigos, transferiu-se para a arqueologia essa responsabilidade.

Durante um longo período a arqueologia serviu bem a esse fim, funcionando como suporte a causas nacionalistas do Velho Mundo. Contribuiu para a divulgação, equivocada por certo, de concepções acerca de grupos étnicos e nacionais homogêneos e contínuos historicamente, com as mesmas características culturais, lingüísticas e raciais ao longo do tempo. Essa narrativa linear fornecia as justificativas necessárias para oferecer a sociedades modernas, longas genealogias que fortalecessem sua identidade.

Paralelamente à justificativa da busca por uma identidade cultural cujas referências remontassem à pré-história, essa prática esteve associada muitas vezes a políticas de dominação sobre outros povos. Bem como a reivindicações de controle de territórios, e ainda, a busca por ligações com passados distantes e gloriosos que justificassem características do presente.³¹

Nas Américas, entretanto, nos deparamos com situação diferente. O colonialismo ao adotar uma política de inculcar a seus colonos sua própria identidade dominante, em detrimento do outro, acaba por romper com uma continuidade histórica e cultural local. Por isso é freqüente que

países do chamado Novo Mundo, colonizados por nações europeias, tenham sua genealogia atrelada à chegada dos colonizadores, em detrimento de sua ancestralidade indígena.

Desta forma, salvo raras exceções de países cujas culturas originais deixaram um legado magnífico na América, o uso da pré-história na construção de identidades culturais não pôde ser potencialmente utilizado. No Brasil mesmo, por exemplo, ao longo de nossa história, raras vezes pudemos observar a utilização da pré-história na busca por uma identidade nacional.³²

Sabemos que a presença do indígena, anterior à chegada dos colonizadores portugueses, sempre foi um problema com o qual o Estado teve de lidar no processo de formação de uma identidade nacional cujos referenciais advinham da sociedade europeia. Logo, este processo, que tem como necessidade fundamental o desenvolvimento de um querer viver coletivo, no qual o indivíduo se sinta pertencente a um grupo distinto, acabou por facilitar e acelerar o distanciamento das culturas e tradições negras e principalmente indígenas.

“(...) a imposição do modo de vida europeu fez com que a população nativa fosse submetida a uma forte dominação que não lhe dava direito nem mesmo de se deslocar pelo território, sendo obrigada a se

³¹ TRIGGER, Bruce, G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004. p.107-108, 169.

fixar em determinados aldeamentos, e locais pré-estabelecidos pelos colonizadores.”³³

Entretanto, a herança cultural destes povos e suas tradições, não se perderam de todo junto com a enorme quantidade de indígenas que desapareceram no processo. Existem, ainda hoje, traços dessa cultura que podem ser observados principalmente nas zonas rurais. A arqueologia por sua vez, tem tomado para si a preocupação de, através de ações em conjunto com as comunidades, esclarecer a população sobre o significado e o valor desses vestígios do passado com o qual ela pouco se identifica, logo, também não preserva.

Em uma pesquisa realizada nos materiais didáticos referentes ao período entre os anos de 1898 a 1998³⁴, constatou-se que a pré-história no Brasil foi frequentemente deixada de lado nos processos educativos, sendo valorizada nas escolas apenas em dois momentos distintos. No final do século XIX e durante a era Vargas. Neste primeiro momento, influências positivistas valorizavam a busca pelo passado e conservação de tradições históricas, enquanto que em meados de 1930, um Estado

³² LOURES OLIVEIRA, A. P. P. *Memórias indígena e negra na Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*.p.2.

³³ LOURES OLIVEIRA, A. P. P. *A etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira*. Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Sergipe: UFSE, v.3, Dez 2003, p. 258.

³⁴ LIMA, Tânia Andrade. *A arqueologia na construção da identidade cultural: uma disciplina no fio da navalha*.Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingo. v.9, Jun. 2007. p. 17.

unitário, centralizador e nacionalista reformulou o sistema educacional em busca da construção de uma identidade nacional.

Tendo como objetivo criar uma nação brasileira não mais baseada no europeu, mas sim no indígena, essa busca lhe conferiria maior autenticidade e unidade, fundamentais para a construção de uma identidade própria. Tal identidade estaria a partir de então, atrelada a um caráter de unidade conferido pela idéia de mestiçagem resultante da síntese das três *etnias*, índio, negro e branco.

Entretanto, a despeito do caráter retórico dessa homogeneidade cultural anunciada por Vargas, é preciso lembrar que:

“Em se tratando do Brasil, uma arqueologia a serviço da construção da identidade nacional precisa marchar no sentido contrário ao da perspectiva homogeneizante, unificadora, bem como refugar a erosão das diferenças. Antes, tem que trabalhar para resgatar e revelar, na profundidade temporal em que opera, a diversidade étnica e cultural que se instalou desde os primórdios da presença humana em nosso território, e que se intensificou ao longo de milênios, até a conquista.”³⁵

Tomando por base tais discussões, podemos dizer que as pesquisas arqueológicas realizadas na Zona da Mata Mineira trabalham em busca de valorizar, junto à população rural dos municípios estudados, as influências de um legado cultural, índio e negro, ainda existentes ali.

Para isso, o resgate do conhecimento e práticas culturais é de extrema importância no desenvolvimento de uma valorização da identidade e para a própria conscientização das populações locais sobre a riqueza de sua herança cultural tão diversificada.

Para que possamos analisar as atuações do projeto e seus resultados é necessário que tomemos por base alguns conceitos que fornecem suporte teórico a esta pesquisa. O entendimento de conceitos como o de identidade, memória, cultura e patrimônio cultural são de fundamental importância na reconstrução desse nosso passado distante. Esse resgate que se dá por meio do desenvolvimento de uma consciência crítica, que gera meios para recuperar uma identidade cultural sufocada ao longo de um complexo processo histórico.

Dessa forma, não obstante estarmos tratando de algo que nos remete a uma idéia de propriedade, algo imbuído de alguma espécie de valor, ao falarmos de patrimônio cultural, este também carrega em si, e principalmente, uma dimensão de natureza imaterial. Pode-se, de forma simplificada, defini-lo como um conjunto de realidades materiais e imateriais, surgido muito antes de nós, cujas relações com ele

³⁵ LIMA, Tânia Andrade. *A arqueologia na construção da identidade cultural: uma disciplina no fio da navalha*. Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingo. v.9, Jun. 2007. p. 21.

estabelecidas, acabam por nos definir e influenciar em nossa própria identidade.³⁶

O patrimônio cultural possui, pois, a qualidade de despertar sentimentos que ajudam nessa construção de uma identidade, tanto individual como coletiva, e tem seu grau de importância, por assim dizer, determinado pelas relações que estabelecemos ou não com ele. Quanto maior sua relevância imaterial, maior será sua influência sobre nós, servindo dessa forma, mesmo que flexível e em constante alteração, como base nesse processo de construção de uma identidade.

Esta por sua vez, assim como o significado de patrimônio cultural, não é fixa nem estática, mas dinâmica. Por isso a arqueologia não se pode prestar à construção de uma identidade nacional fixa, bem demarcada, mas sim, como afirma LIMA: “deve colocar suas forças a serviço da construção de histórias e identidades plurais.”³⁷

A identidade forma-se através de um conjunto complexo de sinais que, ao serem reconhecidos e processados por nossas memórias, despertam emoções e significados atuantes da formação de um *eu-biográfico*.³⁸

³⁶ OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia Pré-Histórica: entre a Cultura Material e o Patrimônio Intangível*. Arkeos: perspectiva em diálogo. v. 15, 2004. p. 2.

³⁷ LIMA, Tânia Andrade. *A arqueologia na construção da identidade cultural: uma disciplina no fio da navalha*. Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingo. v.9, Jun. 2007. p.21

³⁸ OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia Pré-Histórica: entre a Cultura Material e o Patrimônio Intangível*. Arkeos: perspectiva em diálogo. v. 15, 2004. p. 3.

Quando falamos de memória, é necessário lembrar que ela como tal, só existe quando desencadeado um processo de percepção e organização de diversos estímulos, imagens, sons, idéias. É a memória que organiza o que chamamos de passado, ao dispor seus vestígios de forma a aferir-lhes um significado, além de ser um instrumento de fundamental importância no processo de construção de uma identidade. Através desse processo a memória trabalha a fim de construir um ponto de vista coerente de passado e de patrimônio cultural a partir de elementos isolados.³⁹

Os meios de transmissão dessa memória também são importantes objetos de estudo em muitas pesquisas. Em diversas culturas a transmissão e conservação da memória ao longo do tempo, se dão quase que exclusivamente através de via oral, sobretudo em sociedades que não possuem escrita.⁴⁰

A arqueologia reconhece a grande importância das fontes orais na recuperação do patrimônio cultural de uma sociedade, frequentemente reconhecido apenas pelas suas representações materiais:

“Começamos a construir o mapa do Patrimônio por “ouvir” e “ouvir dizer”. Canções e histórias, eco distante dos ritos primitivos, são

³⁹ OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia Pré-Histórica: entre a Cultura Material e o Patrimônio Intangível*. Arkeos: perspectiva em diálogo. v. 15, 2004. p. 4.

⁴⁰ *Idem*

instrumentos essenciais na construção da componente social da nossa identidade.”⁴¹

Desta forma, as pesquisas arqueológicas atuam em diversas frentes no processo de construção de um patrimônio e de uma identidade cultural. Juntamente com estudos pautados na oralidade, os estudos técnicos, também atuam de forma a auxiliar no levantamento dos costumes e tradições de determinado grupo, estudando suas tecnologias utilizadas, por exemplo, no fabrico da cerâmica. Esta por sua vez, como afirma Brochado (1989), pode ser vista como um elemento tecnológico determinante de um comportamento, pois o homem desenvolve uma tecnologia para satisfazer suas necessidades dentro de um determinado contexto ambiental com suas próprias características geológicas, vegetais e climáticas que são únicas em seu conjunto.⁴²

O *Projeto Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, na busca por realizar seus objetivos de preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental da região, se utiliza da associação de metodologias da história oral e da antropologia para analisar as forma de transmissão de conhecimentos, bem como as práticas sociais cotidianas. Dessa forma, além de uma narrativa oral, os pesquisadores podem

⁴¹ *Idem.* p. 6.

contar também com aspectos relativos aos ofícios tradicionais, à música, à culinária, aos aspectos simbólicos e religiosos, ao artesanato, etc, referentes a estudos etnográficos.⁴³

Na Zona da Mata as pesquisas desenvolvidas até o presente, começam a ter resultados visíveis junto à população local. Em um primeiro momento dessa abordagem, percebeu-se que grande parte da população, e aqui destacamos mais uma vez a parcela proveniente da zona rural, mantém um contato diário com vestígios arqueológicos.⁴⁴ Esses vestígios, entretanto, não são identificados como tal, e muitas vezes adquirem um caráter lendário, como no caso das chamadas *pedras de raio*⁴⁵, que na verdade não passam de instrumentos líticos polidos ou lascados.

Descobriu-se também que as populações regionais têm conhecimento de diversas plantas locais que podem ser usadas para alimentação e manufatura de remédios, assim como faziam os antigos

⁴² BROCHADO, J. P. e LA SAVIA, F. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989, p. 5

⁴³ LOURES OLIVEIRA, A. P. P. *Memórias indígena e negra na Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. p. 3

⁴⁴ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno*. p.1

⁴⁵ Segundo a credence popular, raios ou relâmpagos trazem pedras do céu e as enterram. Depois de alguns anos da queda a pedra volta para o céu sendo carregada pelo mesmo raio. Essas lendas eram muito comuns na Europa e teriam sido trazidas ao Brasil pelos colonizadores. Elas continuam vivas até hoje no interior do país, atribuindo uma origem não indígena a artefatos pré-históricos.

habitantes daquela região.⁴⁶ Esse conhecimento pode ser um reflexo de herança cultural dos nativos da Zona da Mata, uma vez que os espécimes utilizados são conhecidos pelos pesquisadores apenas pelo seu caráter científico.

A catalogação e coleta para análises de amostras dessas plantas, são acompanhadas de entrevista oral e aplicação de questionário. O projeto pretende, dessa forma, criar hortas comunitárias e divulgar, por meios de comunicação, as propriedades da diversidade material colocada à disposição da comunidade.⁴⁷ A valorização de espaços como este, que resgatam a história das comunidades do passado e do presente, permite, pois, o desenvolvimento de uma consciência cultural e ambiental mais profunda, entre essas populações.

Outro ponto a se destacar também, é o fato de que a herança cultural indígena está intimamente relacionada à idéia de uma identidade local.⁴⁸ Dessa forma, podemos encarar a identidade como algo tão dinâmico quanto a cultura em seu constante processo de (re)construção, e assim como a memória, resultante tanto de impressões individuais, quanto coletivas.

⁴⁶ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; CORRÊA, Ângelo Alves. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno*. p.5

⁴⁷ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; OLIVEIRA, Luciane Monteiro. *Patrimônio Arqueológico e cultural da Zona da Mata Mineira*. p.5.

⁴⁸ LOURES OLIVEIRA, A. P. P. *Memórias indígena e negra na Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. p.4

A presente pesquisa que vem sendo desenvolvida na Zona da Mata Mineira, possibilitou aos integrantes do projeto observarem de perto o resultado da ação de processos que tiveram como objetivo a supressão das memórias indígenas e negras no Brasil.⁴⁹ Entretanto puderam identificar também indícios de que alguns desses elementos culturais não foram totalmente aniquilados, sendo ainda hoje, alguns transmitidos e preservados através da oralidade, e outros, atribuídos a hábitos advindos de imigrantes.⁵⁰

Somado a isso, observou-se também na região a *invenção de uma tradição*, que coloca o índio como ser marginalizado e de índole maldosa. Há ainda, até mesmo quem desacredite completamente da participação dessas culturas em sua formação étnica.⁵¹

Desta forma o projeto segue em frente com suas pesquisas centradas no resgate das memórias, negra e indígena, na Zona da Mata Mineira. Contando para isso com o desenvolvimento de ações culturais que realcem a importância do resgate dessa memória e patrimônio cultural, tão importantes na criação de uma identidade local.

⁴⁹ *Idem.* p.1

⁵⁰ LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; OLIVEIRA, Luciane Monteiro. *Patrimônio Arqueológico e cultural da Zona da Mata Mineira.* p.4

⁵¹ LOURES OLIVEIRA, A. P. P. *Memórias indígena e negra na Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno.* p.6

Conclusões

Procuramos trazer com esse trabalho uma breve descrição da atuação da arqueologia no Brasil exemplificada através do estudo das atividades realizadas pelo *Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*.

No Brasil, guardadas as devidas proporções, o estudo da pré-história também atuou, em alguns momentos, como uma ferramenta para resgatar uma identidade e patrimônio cultural negro e indígena, quase esquecidos, encobertos que foram, deliberadamente, durante alguns séculos de dominação europeia. Sobre essa posição da Coroa Portuguesa, Prous comenta:

“Sem dúvida, as autoridades coloniais não procuravam incentivar o estudo das antigas culturas indígenas, cujo resultado só poderia despertar o já incipiente nativismo brasileiro.”⁵²

Como vimos, a arqueologia no Brasil começa a surgir em meados do século XIX, com as atividades do botânico dinamarquês Peter W. Lund, um dos precursores das pesquisas arqueológicas brasileiras, que se instalou na aldeia de Lagoa Santa – MG por volta de 1830.

⁵² PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. p.5

Hoje podemos afirmar que todo um trabalho de recuperação e preservação de uma memória cultural indígena não pode ser desprezado, pois não é uma empreitada fácil. É preciso reexaminar nossa historiografia oficial através de pesquisas etno-históricas e de tradições orais que revelem traços dessa cultura nativa. E principalmente, é imprescindível divulgar pesquisas dessa natureza em programas educacionais, tanto em escolas como para a população em geral, dando essencial atenção para o caráter patrimonial que envolve tanto o material (artefatos arqueológicos), quanto o imaterial (costumes, tradições...).

É esse trabalho que vem realizando o *Projeto Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, atuando junto às comunidades locais, no sentido de desmistificar a imagem do indígena que alterna entre o bom selvagem e o preguiçoso e bravo, inserindo-o como formador da cultura e agente da história.

Mas mesmo assim, com tantos avanços alcançados recentemente pela arqueologia brasileira, seja na Zona da Mata como nas demais regiões do país, ainda temos que aprender a lidar com situações preocupantes para a disciplina. A destruição do patrimônio arqueológico é questão de extrema importância para ciência e para a preservação do nosso patrimônio cultural.

Durante muito tempo sambaquis foram usados como matéria prima para diferentes obras, e até hoje inundação de enormes áreas para a construção de represas impedem a recuperação de informações sobre as antigas populações que ali viveram. Também o acelerado desenvolvimento urbano e utilização de grandes áreas para agricultura são fatores que contribuem para a destruição de muitos sítios.

É preciso, de uma vez por todas, valorizar a diversidade cultural nacional e que se dê a devida importância ao nosso passado pré-colonial. Isso já está acontecendo, graças a projetos como o *Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*, mas ainda há muito trabalho a ser feito, e não somente junto à população em geral. Também em universidades são necessárias mudanças nas grades curriculares com a inclusão dessa temática, principalmente nos cursos de história, que frequentemente não contemplam a disciplina em sua carga horária obrigatória a despeito do crescente interesse, tanto acadêmico quanto profissional, pela disciplina.

A herança de nossos antepassados indígenas ainda é pouco conhecida, quando não rejeitada, ignoramos sua enorme variedade de culturas riquíssimas, cujo conhecimento só poderá nos beneficiar ao propiciar um entendimento maior de nós mesmos e nossas raízes.

Não esqueçamos, portanto, para rematar esse trabalho, de que, como disse Funari, em seu *Pré-História do Brasil*:

“(...) essas populações, em sua enorme variedade, construíram sociedades com culturas riquíssimas e seu conhecimento permite que entendamos, de certa maneira, a nós mesmo, pois todos somos seres humanos, e a diversidade de comportamentos, usos e costumes constituem os maiores tesouros da humanidade.”⁵³

⁵³ FUNARI, Pedro Paulo e NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 107-108.

Mapa 1



Região da Zona da Mata Mineira, extraído de:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_da_Zona_da_Mata

Bibliografia:

BROCHADO, J. P. LA SAVIA, F. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e cultura, 1989.

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FUNARI, P.P.A. e NOELLI, F.S. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JOHNSON, M. *Archaeological Theory: an introduction*. Blackwell Publishing, 1999.

LIMA, T.A. *A arqueologia na construção da identidade nacional: uma disciplina no fio da navalha*. Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, v.9, Jun 2007.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P. (Org.) *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editar, 2006.

_____. Sete anos do projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata mineira: resultados e avaliação. *Revista de Arqueologia*, vol. 18, 2005.

____ (Org.) *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. Juiz de Fora: Editar, 2004 a.

____ *Memórias indígena e negra na Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. Forum de Pesquisa Povos Indígenas, situação colonial e perspectivas pós-coloniais: um lugar para o diálogo entre antropologia e história, durante a 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2004b, Recife. www.maea.ufjf.br/pagina_artigos/sab/propostafinal.pdf

____ *A etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira*. Canindé Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Sergipe: UFSE, v.3, Dez 2003a.

____ e CORRÊA, Â.A. *Arqueologia na Zona da Mata Mineira: Resultados Preliminares da 1ª Campanha Arqueológica do Sítio Primavera em São João Nepomuceno – MG*. In: SAB 2003, São Paulo. Anais da SAB 2003b.

____ e MONTEIRO OLIVEIRA, L. *Patrimônio Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira*. Canindé. Revista do Museu de Arqueologia de Xingo. Sergipe: UFSE, v.1, 2001.

OOSTEERBEEK, L. *Arqueologia Pré-Histórica: entre a Cultura Material e o Patrimônio Intangível*. Arkeos: perspectiva em diálogo. v.15, 2004.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, In: TENÓRIO, M.C. (Org.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

RENFREW, C. e BAHN, P. *Arqueología-Teorías, Métodos y Práctica*. San Sebastián de los Reyes(Madrid): Ediciones Akal S. A., 1993, 1998.

TRIGGER, B.G. *História do Pensamento Arqueológico*.São Paulo: Odysseus Editora, 2004.